

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

**PREÇO DAS ASSIGNATURAS**  
EM AVEIRO — ANNO 50 (NUMEROS) 15000 RS., SEMESTRE  
(25 NUMEROS) 500 RS.  
FORA DE AVEIRO — ANNO (50 NUMEROS) 15125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.  
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL., 25000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

**PREÇO DAS PUBLICAÇÕES**  
NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.  
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.  
NÚMERO AVULSO 20 RS., 100 RS. NO BRAZIL.  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NÚMERO 7.

## ARRE, CANALHAS! ARRE, LADRÕES!

O povo está cada vez mais convencido de que não ha outro recurso para os membros da infamissima companhia dos malandros senão a força, senão a violencia, senão um bacamarte. Esperem lá, se quizerem, pelas promessas do sr. presidente do conselho. Sejam ordeiros, sejam pacíficos até então, se pretendem esgotar as ultimas provas. Não somos nós que nos oppoemos a isso. Deixem limar a paciencia até ao fim. Entretanto, a nossa convicção é que isto já não vae senão a tiro, e essa, supponhamos, é a convicção de todo o povo d'esta terra. Antes das eleições poderia haver alguma duvida. Depois das eleições, com o cynismo que os malandros teem mostrado, com o descaramento com que teem adulterado tudo, com a desfaçatez com que teem mentido, com o arrojio com que falsificaram os papeis electoraes na noite que se seguiu aos tumultos da Misericordia, não ha duvidas absolutamente nenhuma sobre os processos a empregar com a companhia dos malandros. Ou os levamos a tiro, ou de revolver no bolso lhes esmigalhámos o craneo onde seja preciso, ou continuaremos aqui a ser ludibriados, a ser escarnecidos, a vêr todos os nossos direitos hurlados e espesinhados. Nem mais, nem menos.

E' essa a nossa convicção profunda, a nossa convicção inabalavel. E quem nos conhece sabe de mais que não nos enganamos com facilidade quando adquirimos uma convicção. Estamos certissimos d'isso. Certeza tanto maior, quanto para nós é ponto de fé a perfidia e deslealdade com que o sr. José Luciano de Castro procede em todo este negocio.

O sr. ministro do reino está mentindo ao paiz. O sr. presidente do conselho está jogando em tudo isto o maior cynismo que era dado esperar. E nós vamos dizer porquê.

Manuel Firmino de Almeida Maia o menor crime que tem praticado é esse exactamente das patifarias das eleições da Santa Casa da Misericordia. Foi uma grande infamia. Infamia que n'outro paiz, ou n'outra epocha de moralidade, não só teria produzido a demissão immediata d'aquelle bandido, como de seguida o teria arrastado ao banco dos réos. Entretanto, leia-se bem o que estamos escrevendo, sendo uma grande infamia é a menor que aquelle miseravel tem praticado.

Ignora, por ventura, o sr. presidente do conselho a verdade do que se passou no acto eleitoral do dia 19 d'este mez? Não sabe bem se foi o governador civil que planeou e ordenou, se foi a opposição que praticou as tropelias e desavergonhamentos que se dêram? Suppunhâmos isso, por instantes. Demos de barato que o sr.

ministro do reino seja sincero n'esse ponto e não queira proceder contra o governador civil por não ter profundo conhecimento dos factos.

Mas agora perguntâmos: — e ignora tambem o sr. presidente do conselho que Manuel Firmino d'Almeida Maia seja **um ladrão, o funcionario mais deshonesto e mais porco** que tem havido n'este paiz? Não ignora. Podemos garanti-lo a toda a imprensa do paiz. Podemos afirmar que o sr. José Luciano de Castro tem conhecimento perfeito de todas as **malandricas e infamias** do seu representante em Aveiro. De maneira que querendo fingir por um lado sinceridade e pudicia, descobre-se pelo outro messalina tão debochada e corrupta como o governador civil d'este districto.

Poderia ignorar, e não ignora, de que lado estava a responsabilidade das patifarias da eleição da Misericordia. Mas o que s. ex.ª não desconhece é isto: — é que o seu delegado em Aveiro é **um ladrão, um bandido da peor especie**. E, n'esses casos, se tivera pudor, se tivera brios, se fôra digno, ha muito que teria demittido esse miseravel, que emporcalha e suja o bom nome da magistratura portugueza. As accusações lançadas a Manuel Firmino d'Almeida Maia, e provadas n'este jornal, constituem um crime ainda mais negro e mais hediondo do que esse da eleição do dia 19. Ignorava-as o sr. José Luciano de Castro? Não, que nós mandavamos-lhe todos os domingos o nosso jornal, e em carta fechada, para que s. ex.ª não livesse que allegar ignorancia. Não, que s. ex.ª confessava particularmente as biltrarias do seu subordinado. Não, que o sr. Francisco Mattoso, o inspirador de seu irmão nos actos d'este districto, dizia aos seus amigos que não havia duvida nenhuma sobre a veracidade das accusações do *Povo de Aveiro*.

Que mais precisava o sr. José Luciano de Castro para demittir esse **malandro** que administra o districto de Aveiro, se fôra digno e sério? Que outras provas precisavam as *Novidades* e o *Correio da Noite* para o processo e condemnação do governador civil substituto? E' extraordinario o que se passa. Ha um homem accusado cem vezes de ladrão e d'outros crimes identicos. Accusado, não com palavras, mas com factos que ninguem destruiu, a que ninguem mesmo ousou responder. Essas accusações não são feitas em particular. São feitas em publico, n'um jornal, enviado ás redacções dos jornaes do governo e aos proprios ministros. E quando a opinião publica se levanta contra o vil criminoso, ainda pergunta troçando o orgão do ministro das obras publicas: — «Então os senhores, sériamente, querem que

o governador civil d'Aveiro seja demittido?» «Então os srs. ainda não se contentam com a expulsão das irmãs da caridade, interroga o *Correio da Noite*?» «Então eu hei de demittir um homem que não sei se está criminoso, exclama o ministro do reino?»

Quando desceu tão baixo a dignidade do poder do nosso paiz? Quando foi o decoro publico, a gravidade da nação, a magestade da lei arrastadas com tanto cynismo pelo lodo dos pantanos? Só n'este ministerio de bandalhos e n'este porco regimen que está para ahi cabindo de lepra.

Eis porque nós dissêmos que o sr. ministro do reino está mentindo ao paiz. Que o sr. ministro do reino não foi sincero na resposta que deu á comissão d'aveirenses que o procurou na Figueira. Pondo mesmo de parte as traficancias electoraes do capitão da companhia dos malandros, o sr. ministro do reino tinha em factos anteriores e provados motivos de sobra para demittir mil vezes, se fosse possível, o governador civil do districto de Aveiro. Se o não demittiu é porque tem tanta vergonha e tanta dignidade como o nosso capitão de ladrões. Simplesmente isso. Não o demitte, porque não quer. Porque para s. ex.ª não ha lei, nem decoro publico, nem coisa nenhuma. Conserva o governador civil d'Aveiro porque o quer conservar. Não ha outra razão, nem outro motivo. Seja Manuel Firmino d'Almeida Maia um ladrão, seja um desavergonhado, seja um biltre, seja um protector d'assassinos, seja tudo que elle queira. Porque o sr. José Luciano tambem quer que elle seja governador civil do districto de Aveiro e contra o querer d'aquelles senhores não se lucha. Ou então lucha-se com um bacamarte. Elles querem, não ha mais nada. E contra isso são bolas de sabão todas as leis, todas as regalias e por conseguinte todas as reclamações e protestos pacíficos.

Ou a tiro, ou deixar calcar os villões. Não ha outro recurso nem meio de combate.

Mas voltemos agora á hypothese com que principiámos. E' crível que o sr. José Luciano não conheça a responsabilidade do governador civil nas patifarias do dia 19? De maneira nenhuma. Em primeiro lugar, porque, como já dissêmos, o sr. ministro do reino sabe que Manuel Firmino d'Almeida Maia é um refinado tratante. E como cesteiro que faz um cesto faz um cento, sabendo o sr. José Luciano o patife que tem em Aveiro, como sabe, e conhecendo os cavalheiros da opposição como homens honestos, e o sr. José Luciano não desconhece os seus patifários, logo previa ás primeiras noticias que seria de facto naturalissimo que as biltrarias da eleição da Misericordia

fossem antes praticadas por Manuel Firmino d'Almeida Maia, do que pelos seus adversarios. Isto era a primeira idéa que occorria immediatamente ao cerebro de quem conhecesse os homens e a politica da cidade d'Aveiro.

N'esses casos está o presidente do conselho de ministros. Conhece Aveiro, que é a sua terra. E por conseguinte são tolas e alvares todas as evasivas em que se quer metter para justificar a sua ignorancia do que se passa entre nós.

Em primeiro lugar, isso. Em segundo lugar, o sr. ministro do reino não ignorava as violencias que se praticaram antes das eleições. O sr. ministro do reino sabia que tinha sido despedido do hospital o empregado Roque Vieira por não ter querido votar a lista do governador civil. O sr. ministro do reino sabia que um empregado da policia ameaçara um eleitor. O sr. ministro do reino sabia que Manuel Firmino pedia votos. O sr. ministro do reino sabia que se ameaçava n'esta terra todo o mundo que não queria votar com a companhia dos malandros. O sr. ministro do reino sabia que se tinham riscado cincoenta electores do caderno do recenseamento. Dissemos-lh'o nós em telegrammas. Dissemos-lh'o n'este semanario, que lhe enviámos em carta fechada. Como ousou então s. ex.ª dizer á comissão aveirenses que ignorava os factos que lhe estava relatando?

Pense cada um o que quizer das intenções ou da sinceridade do sr. ministro do reino. O pensar é livre. Nós tambem já pensámos que s. ex.ª fosse sincero n'esta questão. Hoje é que de modo nenhum. O sr. ministro do reino está mangando connosco e d'uma maneira pouco digna e séria. O futuro dirá quem se engana.

Sobre as tranquiernas electoraes não temos nada que acrescentar ao que já foi dicto por muitos dos nossos collegas do paiz. Todos teem dicto bastante, todos teem dicto tudo. Só queremos que nos deixem ainda passar, porque á força de pasmo é que nós havemos de chegar ao desespero de pegar no bacamarte, da infamia cynica, deslavada, ultrajante até ao cumulo, dos quadrilheiros nojentos. O *Primeiro de Janeiro* trazia n'outro dia um tal amontoado de bandalhiças, tanta biltraria, que nós não sabemos bem que mais admirar, se o cynismo do correspondente, se a falta de seriedade d'uma redacção que o admittiu. O correspondente é o primeiro sargento da companhia dos malandros. E' o ladrão indigno, é o gatuno reles, é o larapio indecente que todos conhecem. Mas que ousadia a d'aquelle maroto! Mas que atrevimento o d'aquelle brejeiro! Desenganem-se todos os amigos

da liberdade e da honra da nossa terra. Enquanto nós não quebrarmos um braço a cada um d'estes malandros, não damos um passo no caminho da nossa rehabilitação. O povo tem de fazer justiça por suas proprias mãos.

Outro pulhasito sem sombras de pejo é esse tal alferes Trinca Espinhas. Como esse pulha affirmava que a lista do governador civil ficou com 2 votos de maioria sobre a lista da opposição e que foi a opposição que provocou os tumultos! Um pulha que, depois de tudo, ainda entrou de noutra igreja para completar as suas infamias!

Ah, biltre, que se te não arrebetam a carcassa, tu chegas á primeira fila dos mais celebres cavalheiros d'industria! E's muito pulha, malandro!

Lacraus nojentos, sapos immundos! Agora o governador civil foi alvo de grandes ovações e só quatro ou cinco garotos é que o patearam. Mas a petulancia com que elles dizem isto!

Mais. Ha n'esta terra um cavalheiro, digno das sympathias de todos, que tem soffrido dos malandros a mais negra perseguição. E' o sr. João Honorato da Fonseca Regalla. Sendo um engenheiro distincto, com largos serviços e bom comportamento, foi pela ultima reforma d'engenharia collocado em quarta classe, ao par e passo que fedelhos sahidos das escolas e mariolões que viveram sempre da protecção official eram arvorados em engenheiros de segunda e terceira classe. Ora para quem sabe o que foi e o que representa essa reforma, a canalhiça vil praticada com João Honorato da Fonseca Regalla representa nada menos que uma carreira cortada, que um futuro honroso lançado á margem.

Quem foi o infame, que tomou a iniciativa d'essa bandalhiça repugnante? Foi o Barboza de Magalhães.

Pois é esse mesmo biltre que anda agora dizendo que foi João Regalla quem lançou na urna o masso de listas. E' esse mesmo lacrau que pede ao governo a perseguição d'aquelle cavalheiro pelo crime horrendo de... ter exercido os seus direitos d'eleitor contra o capitão de ladrões!

João Regalla nunca fez politica facciosa. Nunca se envolveu em correrias ou aventuras d'outra especie. E no caso presente limitou-se a dar o seu voto com a liberdade que a lei lhe garante. Porém, é tão grande a sanha dos miseraveis contra elle que, não contentes de lhe terem cortado uma carreira honrosa, ainda hoje é elle, e só elle, que apontam á vingança official. Isto, tendo andado em correrias electoraes a favor do capitão de ladrões uma boa duzia de funcionarios publicos.

— Não ha nada igual na baixeza

e no desavergonhamento. Andae lá, malandros. Que nós não cesaremos de gritar:

A's armas!  
Corramos os malandros a tiro!

O Povo de Aveiro publica um numero extraordinario na proxima quinta-feira.

## A QUESTÃO DE AVEIRO E A IMPRENSA

Continuamos transcrevendo o que os jornaes disseram sobre os ultimos acontecimentos.

Journal do Commercio, de sexta-feira 21:

«Quando se pode bater o inimigo com as suas proprias armas escusado é irmol-as buscar aos nossos arsenaes.

Hoje chegaram a Lisboa noticias graves com respeito á eleição da Misericordia em Aveiro.

Segundo um telegramma publicado pelo nosso collega *Correio da Manhã*, os progressistas, vendo que a eleição estava perdida, arranjaram que o secretario, de accordo com a policia e combinado com o presidente da mesa, lançasse listas dentro da urna. Levantou-se grande tumulto, interveiu a policia e uma força de cavallaria; o governador civil foi apupado pelo povo, havendo conflicto gravissimo. A eleição foi interrompida e invalidada, e o povo reclama a demissão do governador civil.

Como se vê, era de grande interesse para todos saber o que havia de positivo sobre estes factos, que eram consequencia legitima do procedimento condemnavel do sr. presidente do conselho, o qual durante tanto tempo se tem conservado surdo ás reclamações justissimas do sr. José Dias Ferreira, na camara dos deputados, e de uma parte da imprensa. Nem as *Novidades*, porém, nem o *Correio da Noite*, órgão do sr. ministro do reino, dizem palavra! Estão nas condições em que o sr. José Luciano costuma sempre estar quando se lhe faz alguma pergunta no parlamento:—não sabem nada! E' sabido que em havendo assumpto, que toda a gente esteja farta de conhecer, os unicos a ignorar são o sr. presidente do conselho e os seus satellites. Veja-se como se matou, ainda ha pouco, gente por esse paiz, e se fizeram no Porto as maiores tropelias, sem que o sr. ministro do reino soubesse nada senão 24 ou 48 horas depois de todos saberem!

Naturalmente as *Novidades* callam-se por velhacaria; mas o *Correio da Noite*, podem crer, fal-o por ignorancia. A esta hora não sabe nada, porque o sr. José Luciano só amanhã ou depois é que começará a ter os primeiros telegrammas com as primeiras informações—dos seus delegados.

Pois, apezar do silencio dos outros jornaes ministeriaes, o *Dia* entendeu, e entendeu muito bem, que não tinha obrigação de ser babú de ninguem, quando se trata de factos que interessam a ordem publica.

E diz o seguinte:»

Transcreve o que diz o *Dia* e acrescenta:

«Indigno para o partido progressista! diz o *Dia* e diz muito bem; porque está na logica do que, linhas antes, em artigo de fundo, escreve, explicando quaes as causas dos acontecimentos lamentaveis de Aveiro.»

Continua transcrevendo e conclue:

«Aqui está como o *Dia* comenta os factos, e a sua linguagem dispensa que lhe acrescentemos mais nada. Tudo que dis-

sessemos poderia parecer eivado de parcialidade, enquanto que esses commentarios de um amigo do governo e de um deputado progressista devem ser para todos insuspeitos, n'este ponto.

O que fica, portanto, desde já, assente,—e é isso que mais importava estabelecer—é que as desordens, abusos e escandalos que se deram em Aveiro, foram produzidos pelas auctoridades do sr. José Luciano de Castro, e fomentados, levados a effeito pelos odios e ambições do partido progressista na localidade.

Damo-nos por emquanto por satisfeitos por ficar liquidado este ponto; quanto ao mais esperemos que o sr. presidente do conselho passe a saber alguma coisa, que em seguida communique ao *Correio da Noite*, e teremos depois muito tempo para analysar os actos, sempre acertados, d'aquelle, e a prosa, sempre engraçada, d'este.

E muito nos havemos de divertir.»

Idem, de sabbado 22:

«Não dissemos que nos haviamos de divertir muito com a prosa, sempre interessante, do *Correio da Noite*? Pois aqui o temos hoje, respondendo a termos hontem notado que nada se dignára dizer-nos, sobre os tumultos de Aveiro, a folha do sr. presidente do conselho.

Julgará o *Correio da Noite* que na sua qualidade de órgão official da presidencia lhe é bastante publicar uns telegrammas forjados, ou transmittidos por correspondentes facciosos? Chama-se a isso dizer alguma coisa sobre assumptos graves que justamente sobresaltam a opinião? Pois nem sequer a noção dos seus deveres lhe inerte quem d'essa folha costuma usar como interprete das suas opiniões politicas?

Pois quando a imprensa da opposição reclama não só informações positivas da parte do ministro, mas medidas energicas perante abusos da auctoridade e dos partidarios do governo; quando os proprios progressistas e deputados da maioria, como Antonio Ennes, verberam e castigam com palavras de justa indignação os actos violentos que os caceteiros e os discolos ministeriaes praticam em Aveiro, a folha do sr. José Luciano de Castro limita-se a publicar telegrammas mentirosos, em absoluta contradicção com o que foi communicado, não só aos jornaes da opposição, mas aos proprios jornaes governamentais, como o *Dia*? E chama a isso dizer alguma coisa?

E mesmo hoje julgará o *Correio da Noite* que disse alguma coisa de serio, alguma coisa de positivo? Disse-nos, porventura, como era a sua principal obrigação, quaes tinham sido as medidas adoptadas pelo sr. ministro do reino? Foram já castigados os que intervieram criminosamente no acto eleitoral, deitando na urna um maço de listas, depois do acto findo? Já está demittido o governador civil, que foi o promotor da desordem e as demais auctoridades que o auxiliaram no seu ruim proposito, attentatorio das publicas liberdades?

Que informação nos trouxe a este respeito o *Correio da Noite*; o que disse que mereça a consideração do publico?

Além da publicação de novos telegrammas, positivamente forjados, porque dizem o contrario, não só do que todos os correspondentes de Aveiro mandaram communicar, mas tambem do que affirmou o cavalheiro, testemunha presencial, que informou o *Dia*, e que esta folha declarou ser digno de todo o credito e consideração, hoje mesmo o *Correio da Noite* não faz mais do que publicar com uma desfaçatez extraordinaria, a seguinte noticia:

«As irmãs da caridade entregaram o serviço de que estavam incumbidas a um enfermeiro, que já tomou posse, e sahem hoje mesmo da cidade.»

E acrescenta o ingenuo:

«Está, pois, completamente resolvida a questão das irmãs da caridade em Aveiro, e mais uma vez logrados os manejos da opposição!»

Isto lê-se e não se acredita! Como não queremos suppôr que seja Calino quem escreve isto, devemos imaginar que é alguém que faz dos mais tolos.

Resolvida completamente a questão!

A população de Aveiro reclama a retirada das irmãs de caridade do hospital da Misericordia; o sr. José Luciano de Castro declara na camara que as leis do reino não permitem que elle faça tal, mas promete providenciar; as providencias não apparecem, e nem sequer se procede á eleição da Misericordia, que era de ha muito reclamada, como termo a tantos escandalos, promovidos pela direcção provisoria;—foi preciso que o partido liberal instasse, reclamasse, agitasse-se, promovendo meetings e manifestações para á força se fazer o que de bom grado não tinham querido! Procede-se á eleição da mesa, depois do partido progressista, auxiliado por todas as suas auctoridades, ter empregado todos os esforços, todos os meios legais e illegaes para assegurar a victoria; vem o dia da eleição, e reconhece-se como evidente o triumpho da opposição; um progressista, um amigo do governador civil, rompe as hostilidades, lançando na urna um maço de listas; travam-se desordens; os caceteiros e pescadores adrede forjados em guarda pretoriana violentam e maltratam os que protestam contra taes inauditos abusos. Ha ferimentos, cabeças partidas, gritos de alarme, mortras ao governador civil... uma agitação immensa; em vista dos acontecimentos as irmãs de caridade retiram-se de Aveiro, ou por motivo proprio, para não darem aso a desordens, ou, o que é ainda, por determinação serodia da mesa, que resolve fazer por covardia o que não quizera fazer por prudencia ou por conveniencia publica.

E o *Correio da Noite* vem cantar victoria, dizendo que está morta a questão, e quebradas as armas nas mãos da opposição!

E' incrivel, pois não é?

O governo manda pelas suas auctoridades impedir o livre exercicio do voto, n'uma questão que interessa uma povoação inteira, e interessa aos grandes principios liberaes; assalaria gente para deitar punhados de listas na urna, e guardar as costas a quem por tal maneira procede; o governador civil como causador de tudo é publicamente apupado, ficando n'uma posição desgraçada; a mesa da Misericordia, que tudo fizera para conservar as irmãs de caridade, apezar de todos os pedidos, reclamações e protestos, acaba por ceder ao medo, expulsa ignominiosamente as religiosas que contavam com a protecção d'ella, visto que as não haviam despedido quando seria prudente e razoavel; o governo fica de braços cruzados, porque não tem força nem opinião propria nem coragem para coisa alguma!

E o *Correio da Noite* canta victoria!

O sr. José Luciano de Castro apoiava hontem os que conservavam as irmãs da caridade, porque julgava que elles tinham algum prestigio e de algum modo contribuiriam para o aguentar no poder; agora apoia esses mesmos que acabam por expulsar as irmãs de caridade, porque não quer que o caso se agrave e elle tenha de abandonar o poder! Para este ministro o estar no poder é tudo; elle bem sabe que é a unica collocação rendosa n'este paiz, visto que tem por sustentaculos os srs. Marianno e Navarro! Cahir com as desordens de Aveiro, quando estão ainda alguns negocios por concluir, seria uma dos diabos. Por isso não se importa absolutamente com coisa alguma! Hontem a direcção da Misericordia de

Aveiro queria as irmãs de caridade: deu-lhas; hoje expulsa-as de um momento para o outro, e elle consente, do mesmo modo, e com igual facilidade! Sempre assim foi: principios, programmas, convicções... são todos d'este theor. Hoje reaccionario, amanhã atheu; hoje demagogo, amanhã cortezão... synbolo edificante do partido que finge dirigir! De modo que na questão de Aveiro tem estado por tudo que melhor lhe pareça contribuir para lhe assegurar o poder, sem se importar, como agora acontece, que até na sua propria imprensa uns se callem, outros censurem asperamente os seus delegados. Bem se importa elle com os seus delegados!

E é diante d'este quadro edificante que o *Correio da Noite* exclama:—ficou completamente resolvida a questão!»

E' preciso ter bojo para lançar a publico uma coisa d'estas!

E o governador civil? E os desordeiros apontados pela opinião? E a eleição da mesa da Misericordia? E a reparação a tantos ultrajes soffridos?

Bagatellas, não é verdade?

O partido progressista convenceu-se realmente de que tem o rei na barriga, segundo o ditado popular. Mas está enganado, se esse motivo julga escarnecer da opinião por modo por que o está fazendo. Attente bem no desaire por que acaba de passar em Aveiro, e na lição que aquelle brioso povo lhe acaba de infligir, e veja se toma tento. Pôde-se ter no ventre todo um pantheon real, que a força e o prestigio dos governos não provêem senão da moralidade em que vivem e da dignidade que sabem manter.

E os casos de Aveiro não só são immoraes, não só são indignos de um partido, como o disse hontem o *Dia*, mas deprimentes da dignidade do poder.

Voltaremos ao assumpto.

Depois d'este artigo escripto, chega-nos pelo telegrapho a noticia de que o governador civil de Aveiro manda a policia apprehender os jornaes da opposição, que tratam da questão das irmãs de caridade, e prender os vendedores! Temos a repetição dos casos de Braga, e ha de ser interessante ouvir depois o sr. presidente do conselho a interpretar codigos no parlamento para justificar estas prepotencias das suas auctoridades.

Pena temos de o não poder avisar que sahe amanhã n'esta folha este artigo, para lhe darmos ensejo de o mandar capturar em Aveiro, pelo telegrapho.

Talvez amanhã ainda chegue a tempo.

Como vemos, foi o *Dia* quem mais a claro poz, em consequencia de telegrammas e informações verbaes, os acontecimentos de Aveiro. Pois o *Correio da Noite* envia-lhe hoje a seguinte amabilidade, em resposta a nós:

«Que mais informações queria, do que as que demos hontem!

Não as viu, talvez porque absolutamente destoavam das publicadas no *Correio da Manhã* e nos outros jornaes, que pintaram o caso como *thes fez arranjo*.»

Este *thes fez arranjo*, hão de confessar, é mais intencional e gravoso que a phrase *derrière la tête*, empregada pelo nosso collega do *Journal dos Jornaes*, no *Reporter*. Ora, tendo o *Dia* respondido áquella folha pela forma desabrida, que todos viram, é caso para não darmos muito amanhã pela pelle do *Correio da Noite*.»

Revolução de Setembro, de sexta-feira 21:

«Estão acontecendo em Aveiro uns factos, sobre que a imprensa governamental pouco ou nada diz, mas que todavia nos parecem muito graves, e sobretudo notabilissimos para n'elles se apreciar um lado curioso da feição politica do gabinete actual.

Com effeito, os disturbios e violação de direitos eleitoraes, de que rezam os telegrammas enviados para Lisboa, como praticados pelos amigos do governo e do respectivo governador civil n'aquella localidade, não representam apenas um conflicto partidario de caracter perfeitamente local, mas sim uma resistencia violenta e aggressiva da auctoridade e seus correligionarios contra os que na eleição da mesa da Misericordia aveirense diligenciam que triumphasse a lista, denominada liberal ou anti-reaccionaria.

Não escondemos que nos são por ora pouco explicitos os esclarecimentos, que possuímos, a respeito das desordens e prepotencias eleitoraes de Aveiro, mas sabemos o sufficiente para notar:—

1.º que o ministro do reino, tendo noticia de que os seus partidarios queriam viciar e annullar a eleição da Misericordia, que tinham perdida, e perderam, prometteu telegraphicamente providenciar para manter a liberdade da urna, e **nada fez**:—2.º que o governo, na pessoa do mesmo ministro, havendo assegurado que combateria os manejos reaccionarios, não só se tem esquivado a dar qualquer demonstração official no sentido de manter aquella promessa, mas tambem conserva e apoia o seu delegado em Aveiro, o qual, como se está vendo, é n'aquella cidade o primeiro e principal apoio dos que alli sustentam e defendem a conservação das influencias clericas e jesuiticas.

Pôde ser que a politica local, com as suas especiaes exigencias e caprichos, causasse, como diz um nosso illustre collega de Lisboa, esta situação difficil ao governo e ao partido progressista, mas o certo é que ambos elles, na eleição de hontem, e empregando meios criminosos, contra os quaes se ergueu o protesto popular, ambos elles, trabalharam, e combateram ao transe as diligencias e os esforços do partido liberal.

Parece-nos portanto, e sem carencia de novas informações, que a questão está perfeitamente definida, e na altura de ser justamente avaliada pela opinião publica, em todo o alcance, que já se lhe não pôde negar.

De ha muito que a imprensa d'Aveiro reflectia o estado de exacerbação, a que ia chegando a lucta pela eleição da Misericordia. O governo não podia ignorar o que todos sabiam, e conhecia perfeitamente que o seu delegado n'aquella districto patrocinava os que queriam a permanencia das irmãs da caridade, ou, o que vale o mesmo, o triumpho dos reaccionarios.

O sr. ministro do reino é consequentemente responsavel pelas tropelias eleitoraes, que alli se praticaram, pela alteração da ordem publica, que podia mui bem ter prevenido, e finalmente pelos actos dos seus correligionarios, que sem duvida cederiam em frente do movimento liberal, se se não sentissem apoiados pelo governador civil, e visivelmente patrocinados pelo ministro do reino.

Queremos acreditar que a ordem se restabelecerá facilmente, visto o resultado da eleição, e a derrota do partido governamental; mas isso para nós vale menos n'este momento do que a necessidade de obrigar o governo a tomar uma attitude franca, positiva, e leal, na pendencia rijamente travada entre os liberaes e os reaccionarios.

Não comprehendemos, na verdade, nem admittimos que o ministerio, representando um partido, que se ufana de ter objectivos democraticos, e creanças sinceramente progressistas, possa n'uma questão d'esta ordem, conservar-se primeiro simuladamente alheio ás locaes d'Aveiro, e collocar-se depois officialmente ao lado do seu representante no districto, quando este se manifes-

ta desafrentadamente inimigo dos que combatem os manejos reaccionarios.

Urge, portanto, que o governo tome claramente uma resolução, que a todos nos desengane, e o momento é o mais propicio possível para isso.

O que se está passando em Aveiro, promovido por progressistas, mas condemnado já publicamente por membros distinctos do partido governamental, proporciona ao ministerio o pretexto ostensivo, de que talvez carecesse para se manifestar.

A posição insustentavel, em que a eleição da Misericordia collocou o governador civil d'Aveiro, dá ao mesmo tempo ao ministerio o ensejo de revelar, embora tardiamente, a sua opinião sobre o conflicto, que aquella autoridade provocou.

Por outro lado, a victoria do partido liberal, as suas consequências, o movimento energico de resistencia anti-reaccionaria, que se está desenvolvendo no paiz com o auxilio de estadistas notaveis de todos os partidos, tudo isso, deve convencer o governo de que lhe convem quanto antes deixar a fingida indiferença, em que se entrincheirou para de vez tomar logar definido, ou entre os que protegem, ou entre os que combatem, a reacção em Portugal.

Suspeitamos que os acontecimentos d'Aveiro vão ter uma grande influencia na politica portugueza, e talvez impellirá para um periodo de actividade, onde nós francamente a desejamos, de ha muito.»

Pela urgencia d'outros assumptos não temos continuado com os *Apontamentos para a Historia da Companhia dos Malandros*. Continuaremos n'um dos proximos numeros.

## Carta da Bairrada

Setembro, 29.

Depois d'uma breve ausencia, voltamos ao nosso posto.

Dêmos o logar de honra, o primeiro logar, á questão do dia. A bella cidade do Vouga, capital do districto onde está comprehendida a nossa formosa Bairrada, deu um tão eloquente testemunho do seu amor á liberdade e á patria, representadas no nome de José Estevão, persistindo valentemente na campanha encetada contra a degradante politica que assentára os seus arraiaes na Misericordia de Aveiro, expondo á indignação publica a revivescencia da questão das irmãs de caridade; a bella cidade do Vouga lutando, até vencer, pela solução da malfadada controversia entre liberaes e reaccionarios, tão imbecil e traçoicamente levantada pelos desprestigiados agentes do governo, deu a maior prova da sua identificação com os principios de liberdade e democracia que já mais n'estes ultimos tempos povo algum do paiz soubera frisar com tanta energia e tão ruidoso successo.

Honra, pois, aos altivos aveirenses que conseguiram a primeira parte da sua valorosa campanha. Honra ao *Povo de Aveiro* que iniciou e levou a cabo a mais gloriosa lucta liberal d'estes tempos.

Agora, que Aveiro já não tem dentro dos seus muros as irmãs de caridade, é mister tambem que saiba repellir a politica facciosa, imbecil e devassa dos homens que ahí representam o poder central. Enquanto não se conseguir isto, não deve ser inaugurada a estatua do insigne patriota, para que, no dia da grande festa, a sua honrada memoria não tenha a sombra dos desafinos e das grandes ingratições dos homens que prepararam os ultimos acontecimentos e ainda hoje dão a lei na capital do districto, em-

bora vissem de perto a impopularidade a assobiar-lhes a marcha nefasta da sua politica ignobil. Representam, dizem elles, a autoridade constituída. Pois representam-n'a indignamente e temem de sahir como as irmãs da caridade.

Aveiro, repellindo as filhas do Instituto de S. Vicente de Paulo, fez ouvir bem alto que a cidade não é velhacouto de jesuitas nem quartel de reaccionarios. Que todo o districto ponha os olhos no desfecho da grande questão; que a Bairrada siga os exemplos da capital do districto, se alguma vez aqui pretender levantar-se a seita negra, por ventura de mãos dadas com os influentes da actual situação que tão afeiçoada é aos manejos dos jesuitas e dos falsos liberaes!...

Vão começadas as vindimas em toda a Bairrada. A producção é maior do que se esperava. A uva é de muita fúndia e está bem sasonada. Se o tempo continuar enxuto, a qualidade do vinho deve ser excellente.

## CALLICIDA



PRIVILEGIO EXCLUSIVO

Extracção dos callos sem dor em 5 dias

DEPOSITOS PRINCIPAES: — Lisboa, Gonçalves de Freitas, rua da Prata, 229 a 231; Porto, Machado & Lopes, rua do Bom Jardim, 10 a 12; Portalegre, pharmacia Lopes; Braga, Pereira de Lemos; Pinhel, pharmacia Lima; Penafiel, pharmacia Villaga; Figueira da Foz, J. Lucas da Costa; Castello Branco, pharmacia da Misericordia; Vizeu, pharmacia Firmino A. Costa; Viana do Castello, pharmacia Almeida; Elvas, pharmacia Nobre; Faro, pharmacia Chaves; Santarem, Silva, cabelleireiro; Villa Real, Dionysio Teixeira; Lamego, João de Almeida Brandão; Coimbra, Viuva Areosa.

Africa—Loanda, José Marques Diogo. Brazil—Rio de Janeiro, Veiga Pinto & C.;—Pernambuco, Domingos A. Mathews;—Bahia, F. d'Assis e Souza.

E nas principaes villas do paiz.

Pedidos ao auctor

Antonio Franco — Covilhã

## Noticiario

O POVO DE AVEIRO vende-se em Lisboa no kiosque do Rocio, lado sul.

O correspondente de Aveiro para o *Jornal da Manhã*, do Porto, que tem tratado com a maior exactidão o que se passou com a eleição da Misericordia, tambem não deixou passar sem reparo as sandices que um malandro mandou para o *Primeiro de Janeiro* a proposito da mesma eleição. E entre outras cousas escreve o seguinte:

«Estamos auctorizados a dizer mais uma vez que a victoria da eleição da meza da Santa Casa da Misericordia pertence á opposição e que foi Miguel Ferreira, secretario da policia civil, que lançou um masso de listas para dentro da urna.

Quem escreve estas linhas ha de proval-o opportunamente em pleno tribunal.»

Que diz a isto o pulha, o imundo jagodes que só soube vomitar mentiras e calumniar cavalheiros respeitaveis, chegando até a chamar com desdém ao honrado negociante sr. João Pedro Soares constructor de pipas? Mas olhe lá que não é ladrão!

Ah, cego d'uma figa, que has de ser bandalho toda a tua vida!

Foi já distribuido o 2.º brinde da *Historia da Revolução Portuguesa de 1820*, importante edição portugueza da casa editora do Porto dos srs. Lopes & C.º E' um trabalho magnifico, devido ao lapis do illustrado artista portuense, o sr. Caetano Moreira da Costa Lima.

O 3.º brinde relativo ao terceiro volume, e devido ao lapis do laureado artista Columbano Bor-

dallo Pinheiro, já se acha concluido. Será exposto por estes dias no estabelecimento do sr. Lopes & C.º Temos informações de que é um trabalho digno de Columbano Bordallo.

Parabens aos assignantes da *Historia da Revolução Portuguesa de 1820*, e as nossas palavras de animação aos editores, pela regularidade com que tem proseguido esta notavel edição.

A iluminação publica de Aveiro é uma perfeita caçoada. Ha noites em que estamos completamente ás escuras, o que nos leva a desconfiar de que os encarregados de tratar dos candieiros lhe deitam agua em vez de petroleo.

Na quarta-feira, ás 9 horas e meia da noite, quasi todos os candieiros se achavam já apagados! N'este andar, isto de iluminação publica em Aveiro está aqui está a desaparecer.

Essa coisa que para ahí ha com o nome de camará é uma verdadeira choldra. Deita-se a dormir e deixa correr os marfins. E os municipes que paguem e que se arranjem como poderem.

Uns desavergonhados! Pois tome o povo o seu logar: expulsa das cadeiras municipaes esses insignificantes que caçoam e abusam assim da sua paciencia e ponha lá homens que tratem a sério dos seus interesses e comodidades.

Corra, corra com toda essa pelinragem que para ahí ha, que só serve para envergonhar-nos, e terá praticado uma boa obra e dado um grande passo.

Da povoação de Aguium, freguezia de Tamengos, concelho de Anadia, dizem que foi recebida a foguetes e vivas á liberdade a importante noticia da sahida das irmãs da caridade do hospital civil de Aveiro.

Tambem por alli andou a pedido do parcho da freguezia uma commissão composta de hypocritas pedindo assignaturas para a conservação das referidas irmãs, conseguindo algumas, de pessoas inconscientes; mas estas reflectindo no erro que tinham feito, fizeram parte da entusiasta manifestação anti-jesuitica.

Bom é que o povo se vá instruindo e comprehendendo os seus direitos de liberdade para não se deixar enganar por individuos que não sabendo qual é a sua mão direita ainda assim tem a habilitade de o embrutecer.

Aos que soffrem de callos recommendamos a leitura do annuncio *Callicida*, que hoje publicamos.

O especifico descoberto pelo sr. Antonio Franco, da Covilhã, é efficaz para a extracção dos callos, como o provam grande numero de attestados publicados nos jornaes.

Experimentem-n'o, pois, os que tiverem callos e verão como depois ficam livres de coisa tão incommodativa.

A *Voz do Caixeiro* é o titulo d'um novo defensor da classe dos caixeiros do commercio e industria, de que já recebemos os primeiros numeros.

Desejamos-lheas maiores prosperidades.

Por iniciativa da redacção do *Jornal do Bombeiro*, trabalha-se para a realisação d'um congresso de bombeiros, tanto voluntarios como estipendiados, que deverá ter lugar em Lisboa.

Tem já adherido a esta sympathica ideia muitas corporações de bombeiros do paiz, sendo de esperar que as restantes sigam tambem o exemplo.

A Livraria Cruz Coutinho acaba de editar o *Codigo Commercial* approved por carta de lei de 28 de junho de 1888, e seu repertorio alfabético. E' precedido do relatório do sr. ministro da justiça e dos pareceres das camaras

dos deputados e pares do reino. Custa 240 réis.

O nosso agradecimento pelo exemplo que nos foi enviado.

## Communicados

Sr. redactor.

Peço a V. se digne fazer inserir nas columnas do seu acreditado jornal, o *Povo de Aveiro*, as seguintes linhas, pelo que lhe ficará muito grato o

De V., etc.,

P.

Ao sr. commissario de policia

Entre o que escreve estas linhas e mais tres estudantes de Aveiro, cujo comportamento é bem conhecido, e que são incapazes de provocar qualquer desordem, deu-se hontem ás 11 horas e meia da noite o seguinte facto, que é para lamentar n'esta cidade e no centro d'ella, e para o qual chamamos a attenção do sr. commissario de policia.

Passeavam debaixo dos Balcoes uns nove ou dez individuos, pacatos e honestos, conversando socegradamente n'uma ou n'outra coisa, e n'esse numero entravamos nós os quatro. No, referido local achavam-se tambem uns seis ou sete policias civis, entre os quaes figuravam dois guardas muito brutos, e o cabo n.º 42, cuja interessante historia mais tarde havemos de narrar.

Nada ha mais natural do que um passeio. A noite estava serena e boa, e o luar claro e puro. Escolhemos para esse passeio os Arcos, assim como podiamos escolher qualquer outro ponto. Estavamos no nosso direito. Desde que não ultrajassemos a moral, nem alterassemos a ordem publica, podiamos passear por onde e quando melhor nos appetecesse, sem termos de dar por isso satisfações a pessoa alguma, a não ser que tenhamos retrocedido aos tempos miguelistas. A todo o cidadão é permitido o passeio ao ar livre nas condições já citadas.

Se andassemos encobertos ou encapotados, a policia, n'esse caso, teria de nos fazer mostrar o rosto; mas andavamos tal e qual como de dia. Ainda se fossemos desconhecidos, nos poderia tomar como suspeitos, mas não: somos conhecidos em toda a cidade, ninguém ignora o nosso bom porte, e os proprios guardas que estacionavam nos Arcos, e que nos miravam dos pés á cabeça, não sei com que fim, nos conheceram perfeitamente.

Muito bem: conversámos todos perto de meia hora, e depois de retirarem para suas respectivas casas uns cinco ou seis dos nossos companheiros, ficámos a passear da mesma maneira—eu e os alludidos tres estudantes.

Então, o que escreve estas linhas, começou a cantarolar em voz baixa, quasi imperceptivel, aquellos famosos versos de Camões:

«O tu que tens d'humano o gosto e o peito...»

Isto nem offende, nem provoca, e nem altera a ordem. Nem em Lisboa ou Porto é isso prohibido. E eu cantava, distraído, aquellos versos, pela mesma razão por que no Porto ou em Lisboa se cantam a todo o momento, em qualquer parte e deante de quem quer que seja, os bonitos versos populares que principiam assim:

«O Rosa tyranna...»

Demais, no Porto por exemplo, cantam isto em voz alta, para toda a gente ouvir.

Porém, o cabo graduado n.º 42, Julio José de Souza, é que não esteve para tolerar semelhante crime, e vae depois, dando-se ares de sultão, e armando-se d'aquella altivez de senhor absoluto, exclamou cheio de ira e com voz aterradora:

«—Se o torno a ouvir cantarolar, descarrego-lhe (textual) já uma pancada na nuca, que não torna mais a cantar, e ainda por cima o levo pelas orelhas, a si e aos seus companheiros, para a esquadra policial. Arre, seus garotos!»

Ora, isto não se tolera. Sr. commissario de policia d'Aveiro, queremos providencias, e energicas, contra estes abusos.

Pois já não nos é dado sahir de noite á rua a gozar o esplendido luar? Pois já não se póde sahir de casa sem ser insultado e provocado por agentes de segurança?

Qual é a lei que prohibe esses passeios? Qual é a lei que auctorisca os guardas civis a insultar e provocar os transeuntes sem motivo?

Sr. commissario! Para que servem os guardas civis? para manterem a ordem, ou para promoverem a desordem? Ora imagine v. s.º que, em vez de nós quatro, estavam ainda presentes os restantes cinco ou seis, e os seus subordinados nos vinham provocar, como vieram? Não podiam haver sérias desordens? não podiam haver hoje desgraças a lamentar?

Francamente, custaa crer que em Aveiro se pratiquem coisas tão faltas de senso. Pois se os guardas não sabem a sua obrigação, para que é que v. s.º os manda fazer serviço?

O que valeu a esses zelosos guardas, foi um dos nossos companheiros advertir outro de que não fizesse caso das offensas do tal valente cabo, por que do contrario teria ainda havido bastante pancadaria.

Pois que? insultam-se, sem motivo, uns individuos sérios e de barba na cara?

Sr. commissario: isto não póde assim continuar. Providencias, sr. commissario.

Ha ainda a acrescentar que, quando para nos furtar a ouvir impassiveis as grosserias do cabo 42, nos retirámos todos quatro, passeando depois para os lados do Rocio, muito socegados da nossa vida, o mesmo valente e sabio cabo nos seguiu, acompanhado dos outros guardas, e chegando-se a nós se começou a espreguiçar, bocejando, e exclamando alto e bom som, sempre com aquella auctoridade de sultão:

«—Então? não está um lindo luar? não está uma noite pittoresca?—Ah! que me está a ferver o sangue nas veias! C'os diabos!»

E quando acabava de dizer estas asneiras dava-n'os de proposito um pequeno encontrão, tudo para ver se algum de nós, com a cabeça perdida, lhe dava em resposta uma bofetada bem puchada n'aquella cara descarrada, para lhe pagar aquellas offensas verbaes e aquelle ar atrevido e estúpido.

Era bem feita uma recompensa d'estas porém, nunca foi nosso proposito fazer desordem.

Coitado!... O que o homemsinho queria era ter qualquer pretexto para prender alguém! Queria glorias!

O que pedimos ao sr. commissario é que dê as devidas ordens, quanto antes, para que se ponha ponto a estes desaguisados, porque d'outra fórma voltaremos ao assumpto, e d'essa vez com mais dados e com a celebre historia do tal cabo—heroe de grande fama—, e de muitos outros.

Aveiro, 21—9—88.

P.

## Livraria Academica

Acaba de chegar a esta livraria um grande e variado sortido de tintas em tubo para pintura a oleo, aguarella, etc., pinceis, tela, pasta para envernizar quadros e tudo o mais que diz respeito á arte de pintura.

Estes artigos vieram directamente de Paris, da casa *Merlin*.

# GRANDE BAIXA DE PREÇOS

**POR 500 REIS SEMANAES**  
**COM GRANDES DESCONTOS A PROMPTO PAGAMENTO**  
 ADQUIREM-SE AS  
**MACHINAS PARA COSER**  
**SINGER**  
 com ensino gratis e illimitado em casa do comprador  
**CONCERTOS GRATIS**  
**GARANTIA ILLIMITADA**  
**BORDADOS A ALTO RELEVO FEITOS COM LA**  
 EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO TEM SUCCURSAES  
**A COMPANHIA FABRIL SINGER**

## SINGER

**A COMPANHIA FABRIL SINGER**  
 ACABA DE FAZER UMA GRANDE BAIXA DE PREÇOS  
 NAS SUAS TÃO AGREDITADAS E SEM RIVAL  
**MACHINAS PARA COSER**  
 Novo estojo gratis para fazer trabalhos de phantasia  
**CUIDADO COM AS IMITAÇÕES**  
**AS SEM RIVAL MACHINAS**  
**SINGER**  
 ACHAM-SE À VENDA EM AVEIRO  
**75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79**  
**A VEIRO**

### Contra a tosse

**XAROPE PEITORAL DE JAMES**, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvedo nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

### GENEBRA MOREIRA

CHAMA-SE a attenção dos srs. consumidores para estas qualidades de genebra.

E' a mais barata, mais aromatica e estomacal até hoje conhecida.

Continúa a ter acolhimento geral em todo o paiz; tendo sido premiada nas duas ultimas exposições portuguezas de 1884 e 1887.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registrada) de MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

## JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

COM  
**OFFICINA DE SERRALHERIA**  
 EM  
**A VEIRO**

**FORNECE** ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

## Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorisado pelo governo e approvedo pela junta consultiva de saude publica de Portugal e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro.

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaisquer bolachinhas, é um excellento «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.



### AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA E COMMERCIAL

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA  
**PARA', MARANHÃO, CEARA' E MANAUS**

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS E RIO GRANDE DO SUL

**Preços sem competencia**

**Passagens de 3.ª classe a 26\$000 réis**

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, trata-se unicamente em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23, com o correspondente

*Manuel José Soares dos Reis.*

ATTENÇÃO. — O annunciante encarrega-se da liquidação de heranças e quaesquer outros negocios em todo o imperio do Brazil, mediante modica commissão.



Na rua dos Mercadores, n.ºs 19 a 23, em Aveiro, fazem-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços baratissimos.

## HOTEL CENTRAL

DE  
**MANUEL FRANCISCO LEITÃO**  
 RUA DE JOSÉ ESTEVAO — AVEIRO

**ESTE Hotel, recentemente montado, acha-se nas condições de satisfazer a todas as exigencias.**

## REMEDIOS DE AYER

### Peltoral de cereja de Ayer

—O remedio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tuberculos pulmonares.

**Extracto composto de sal-saparrilha de Ayer**—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

**O remedio de Ayer contra as sezões**—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos porque um vidro dura muito tempo.

**Pilulas catharticas de Ayer**—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



**VIGOR DO CABELLO DE AYER** — Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

## Acido Phosphato de Horsford's



E' um agradável e saudavel **REFRESCO**. Misturado apenas com agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito a digestão. E' baratissimo porque basta meia colherinha do acido para meio copo de agua.

Os agentes **JAMES CASSELS & C.ª**, rua de Mousinho da Silveira, 127, 1.ª, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que as requisitarem.

**Perfeito Desinfectante e Purificante de JEYES**, para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de nodos de roupa, limpar metacs, e curar feridas.  
 Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço 240 reis.

## LOTERIAS

com casa de cambio  
**ANTONIO IGNACIO DA FONSECA**, na rua do Arsenal, 56 a 64, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S. Bento, 33 a 35, faz sciente o publico da capital, provincias e ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

**Satisfaz** todos os pedidos, na volta do correio, em carta registrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos devem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas tambem em cartas registradas.

**Envia** em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos particulares.

**Os commerciantes** que quizerem ampliar o seu commercio e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á vespera de se effectuar o sorteio. **E' negocio em que ha tudo a ganhar e nada a perder!**

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maiores de réis **8.000.000**.

Bilhetes a 4\$800 réis; meios bilhetes a 2\$400; quartos a 1\$200; oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45 e 39 réis.

**Os commerciantes da provincia, que quizerem negociar nas loterias de Madrid, têm de tirar uma licença que nas provincias é de 1\$500 réis por um anno (365 dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no Diario do Governo de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)**

**O cambista Antonio Ignacio da Fonseca** promptifica-se a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo particular ou para revender.

Pedidos ao **CAMBISTA**  
**ANTONIO IGNACIO DA FONSECA**  
 56 — RUA DO ARSENAL — 64  
**LISBOA**